

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Cornio Brasileiro Class.: 344
 Data 20 de abril de 1988 Pg.: 12

No Dia do Índio, dança da guerra

Quarenta e sete índios Kalapó e Txucarramãe, liderados pelo cacique Raoni, fizeram ontem na Praça dos Três Poderes, defronte à rampa do Palácio do Planalto, um protesto contra o presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai), Romero Jucá Filho, que autorizou a exploração de madeira de lei em terras indígenas. A segurança da Presidência da República foi logo mobilizada para impedir qualquer movimento contra o presidente José Sarney. Mas quando os índios esclareceram que o ato era somente contrário à administração Jucá Filho, o esquema foi relaxado. Os indígenas tinham a intenção de chamar a atenção de Sarney para a atuação do presidente do órgão.

O grupo de índios Kalapó queria apenas protestar com a dança de guerra. Os índios estavam pintados, usavam colares e portavam tacapes prontos para entrarem em ação em defesa de seus direitos. O cacique Raoni, que é o chefe indígena mais famoso do Brasil, contou que foi ao Ministério do Interior, mas a secretária do chefe de Gabinete falou que não queria índio em sua sala. Os índios foram para o Congresso Nacional e depois para o Palácio do Planalto, onde chegaram no início da noite. O movimento chamou a atenção dos turistas e funcionários da Presidência da República, que não arredaram do lugar, pois

queriam apreciar a evolução da dança.

O presidente Sarney deixou o Palácio do Planalto depois da dança. A segurança acompanhou o movimento de longe. Apenas dois agentes foram colocados na rampa. Os índios chegaram depois que Sarney recebeu o ministro das Relações Exteriores da Bolívia, Guillermo Bedregal Gutierrez, que veio ao Brasil negociar a venda de gás boliviano.

A deputada Eunice Michiles (PFL/AM) escolheu o Dia do Índio para defender o fazendeiro Oscar Castelo Branco, que vem sendo apontado como o responsável pelo massacre dos Tikuna há cerca de um mês. Ontem, da tribuna da Constituinte, ela pediu a palavra para "repor a verdade sobre o fato", assegurando que o acusado e os mortos mantinham uma convivência fraternal. Na sua opinião, a responsabilidade pelos conflitos entre índios e latifundiários da região amazônica é da Funai, que na demarcação de terras tem avaliado as propriedades desapropriadas por preços bem abaixo do que valem. Para o deputado Francisco Kuster (PMDB/SC), que falou em seguida, Michiles está "tentando justificar o injustificável".

Há dois anos, quando houve a demarcação das terras indígenas e parte das propriedades de Oscar Castelo Branco foram en-

globadas nesta área, a Funai deveria pagar Cz\$ 10 milhões, mas avaliou a propriedade em Cz\$ 200 mil. Estes dados, apresentados ontem por Eunice Michiles, teriam sido as causas dos conflitos. Ela narrou ainda que os Tikuna chegaram a "invadir e deprecar" a casa do fazendeiro, que se mudou com a família para outro local.

Resumindo toda a história do conflito, Michiles chegou ao dia do massacre: "O filho de Oscar saiu para pedir calma aos Tikuna e aconteceu o morticídio de lado a lado", narrou, cobrando a responsabilidade pelo acontecimento e suspeitando do "financiamento" que tiveram os índios para virem ao Congresso Nacional em caravana. "Quem pagou as passagens aéreas, quando nem o Oscar teve condições de vir até aqui?", questionou ainda.

Em resposta a estas dúvidas da deputada, Kuster lembrou, em seu pronunciamento, que "as coisas não são tão por conta deste 'perigoso' (ironizado) órgão chamado CIMI, que tantas vezes tem sido denunciado aqui". Ele ressaltou que a instituição existe para orientar os índios.

Michiles chegou a manifestar sua homenagem aos índios pelo seu dia, depois de ter apontado a Funai como responsável pelo futuro "desaparecimento de vários municípios da região amazônica".